FREI MARCELINO DE MILÃO, MENSAGEIRO DO IDEAL FRANCISCANO

Hélio Melo

O título destas linhas diz bem da extraordinária personalidade de que me ocupo neste momento. Foi Frei Marcelino de Milão a figura completa do seguidor de São Francisco de Assis, por suas andanças missionárias, dentro das quais avultava a pregação, incorporando-se deste modo a todos os outros continuadores da obra de Cristo, na divulgação do Evangelho, que teve início há quase dois mil anos.

Nasceu Frei Marcelino em Cuzano, na província da Lombardia, na Itália, no dia 6 de setembro de 1882, filho de Luís Oriani e Virgínia Caimi. O futuro capuchinho, no século, chamava-se Ernesto Oriani, Professou solenemente a 24 de agosto de 1904; ordenou-se a 18 de março de 1905. Nesse mesmo ano viajou para o Brasil, que se tornaria o campo fértil de sua doutrinação. Veio providencialmente para o Ceará, onde, de modo específico, desenvolveu seu apostolado. Pertenceu aos conventos de São Francisco de Assis, em Canindé, e do Sagrado Coração de Jesus, em Fortaleza, tendo exercido o superiorato neste último, de 18 de dezembro de 1921 a 25 de junho de 1924. Também exerceu o vicariato de Messejana, de 1922 a 1924, e ainda deu assistência ao Seminário de Nossa Senhora do Brasil, em Messejana. Reformou a Escola Pio X, quando superior do convento, tendo a esta prestado relevates serviços no campo do ensino. No convento de Fortaleza, onde seus irmãos de hábito lhe tinham respeito e veneração, foram seus contemporâneos, entre outros, Frei Mansueto, Frei Cirilo, Frei Silvério e o leigo Frei Bernardo.

Para rigorosa fidelidade do que se vai dizer a respeito desse zeloso pastor de almas, procurei ouvir depoimentos de seus pouquíssi-

mos contemporâneos, ainda vivos, que o conheceram ou com ele conviveram. Fui também às fontes jornalísticas da época, anotando os registros que sobre ele foram feitos, muitos destes indicados pelo Professor Luís Sucupira. Infelizmente, por não ter obtido dados mais completos, não me é possível apresentar um perfil biográfico satisfatório.

A pregação foi a maior característica da vida religiosa de Frei Marcelino. Mestre da oratória e da espiritualidade, era com intenso fervor religioso que assomava à tribuna sacra. Feiticeiro da palavra, sabia inculcar no coração de quantos o ouviam a magia do belo e do transcendental. Exercia assim um fascínio espiritual sobre as massas que dele se aproximavam. Granjeou renome como orador sacro, não só pela extraordinária eloqüência, mas também e sobretudo pela beleza de linguagem. Com a fama de excelente orador, não lhe faltaram convites para pregar em várias localidades do País. Destarte, Frei Marcelino teve que empreender desconfortáveis viagens a diversas partes, notadamente ao Maranhão e ao interior cearense. A notícia de seus sermões era recebida com muita ansiedade e alvoroço e excitava a curiosidade dos que desejavam ouví-lo. Aonde chegava, ficavam as igrejas atopetadas de fiéis. Dizem que seus sermões sacudiam muitas almas da indiferença e do torpor em que se encontravam e não há exagero em afirmar que produziam muitas conversões suas doutas dissertações espirituais.

Homem de boa cultura teológica e humanística, havia sempre algo de novo em suas prédicas, porque tinha ele lúcida penetração nos assuntos tratados e também um modo próprio de ver os homens e as cousas. A exemplo de São Jerônimo, usava por vezes de linguagem candente no condenar os erros da sociedade humana. Contudo, onde fosse necessária a mediação de um homem prudente, firme, caridoso e sábio, aí estava Frei Marcelino. Foi grande a popularidade que alcançou na época, informa Frei Agostinho, hoje na beleza de seus 91 anos, após longa vida de dedicação à Igreja e à Ordem dos Capuchinhos, para a qual entrou em 1923. Acrescenta esse venerando e bondoso monge que tinha Frei Marcelino uma linguagem adequada a cada auditório. O povo, sequioso de sua palavra, ouvia sempre com muito interesse e veneração, – é ainda Frei Agostinho quem afirma – porque o verbo lhe brotava fácil, claro, fulgurante e persuasivo. Não ficava nas superficialidades; ia ao fundo dos assuntos enfocados. Apesar de italiano, conhecia muito bem a língua portuguesa, por isso mesmo, se expressava com propriedade, mantendo o sotaque e a musicalidade da língua materna. A tribuna sacra foi assim sua trincheira pastoral. "Seus sermões faziam afervorar a nossa fé", confessou-me um dos que tive-

ram a felicidade de ouví-lo. Pela palavra espontânea e brilhante, foi Frei Marcelino um grande arauto da mensagem cristã. Aliás, foi com a pregação, pela palavra oral e escrita, que a Igreja Católica abriu largos caminhos à doutrinação.

Nas homilias e sermões procurava Frei Marcelino dar maior espiritualidade à mensagem franciscana. Certa ocasião, falou com tal cintilação e sentido místico que os ouvintes, embevecidos e sem o quererem, ergueram-se em seus lugares. Ao falar com aquela fluência de idéias, conceitos e reflexões, qual mais bela, qual mais convincente, qual mais admirável, chamando a atenção dos fiéis para os recidivos erros, mas também fortalecendo-os na prática das virtudes, indicava ele a todos o que é essencial e eterno para a alma humana, superior às trivialidades da vida terrena, que é a infinitude de Deus.

Muitos e variados foram os temas de seus sermões. O amor divino, fonte de toda a consolação, era um dos mais constantes de suas prédicas. Ter Deus em si é trazer a felicidade íntima no coração. São Vicente de Paulo dizia a seus sacerdotes: "Meus irmãos, amemos a Deus, mas amemo-lo à nossa custa, com a fadiga de nossos braços, com o suor do nosso rosto." Frei Marcelino, no exercício da ascese cristã, muitos testemunhos deu de amor a Cristo.

Maria Santíssima era sempre fonte inexaurível de seus sermões, continuamente enaltecida com muito fervor e entusiasmo. "Ela encerra toda a bondade das criaturas", diz Dante na "Divina Comédia".

Certa vez proferiu Frei Marcelino notável sermão sobre o pecado da omissão, que é a ausência da ação, traduzida pela negligência, pela incúria e até pela irresponsabilidade. Machado de Assis, um agnóstico, chegou a dizer que "pecados são ações, intenções ou omissões graves". E que conseqüências desastrosas não podem ocasionar a omissão! É o **deixar estar para ver como fica.** O santo missionário tinha fundadas razões para fustigá-la e condená-la, mesmo porque a omissão é crime previsto em nosso código penal e, acima de tudo, pecado no Direito Canônico.

Ocupou-se amiúde esse diligente obreiro de Deus com o amor do próximo, traduzido em suas mais diversas formas, especialmente a caridade, que foi tema central de suas pregações. São Bernardo, em sua obra "Tratado do amor de Deus", disse que "amar a Deus é ter caridade, procurar ser amado por Deus é servir à caridade". A filosofia católica fundamenta-se na religião da caridade. Como diz São Basílio Magno: "Se cada um se contentasse com o necessário e desse aos pobres o supérfluo, não haveria nem ricos nem pobres". O dinheiro, bem sabemos, é necessário e até bom. Mas São Guido adverte para os peri-

gos que o dinheiro traz às almas. No evangelho atribuído a São Mateus, assim nos fala o apóstolo: "Não ajunteis para vós tesouros na terra, onde a traça e o caruncho os destroem, e onde os ladrões arrombam, mas ajuntai para vós tesouros nos céus". E Machado de Assis pôs na boca de uma de suas personagens: "Deus não quer saber quanto pesam as algibeiras, quer saber quanto pesam as almas".

O apego às cousas passageiras e enganosas deste mundo torna o homem avarento. São Pedro Crisólogo, numa homilia, define o avarento como **escravo do dinheiro,** mas o dinheiro, acrescenta o grande bispo e doutor da Igreja, "é o escravo do misericordioso".

É a caridade o mais amplo caminho que nos leva a Deus. A rainha Santa Matilde deu exemplo de coragem e desprendimento, empregando seu rico patrimônio para aliviar os sofrimentos do próximo, socorrendo os indigentes, os miseráveis e abrindo vários mosteiros e escolas para os pobres. Decorridos tantos anos, ainda se vêem milhões de pessoas em deploráveis condições de embrutecimento e miséria. Cada vez mais cresce a exploração do homem pelo homem, dos que praticam a injustiça com seus semelhantes, privando seus empregados de um salário compatível com o trabalho exercido, sugando, destarte, o suor do próximo e apoderando-se daquilo que lhes não pertence. São Gaudêncio, erudito bispo de Bréscia, em um sermão de Natal, a festa da Cristandade, fez veemente reprovação ao procedimento dos ricos que exploram os bens alheiros e não os repartem com os que vivem na indigência. E o rei São Luís, que recebeu sólida formação moral e cristã de sua mãe, Branca de Castela, regente da França, foi mais longe no que hoje chamamos **opção pelos pobres.** Dizia ele: "Se um pobre está encrencado em uma ação judicial contra um rico, defenda a causa do pobre enquanto a verdade não vier à tona".

O homem passa a vida lutando por bens materiais que, finalmente, o levam ao Nada. São Gregório Nazianzeno, poeta e orador, disse num de seus poemas morais: "Tudo é instável, para que amemos as coisas estáveis."

Frei Marcelino falou em todos os recantos para onde era convidado, espargindo as luzes da verdade, como o também franciscano São Bernardino de Sena, que levou a mensagem de Cristo a inumeráveis praças italianas, da qual ficaram as "Prédicas Populares", graças a um método taquigráfico adotado por um de seus discípulos.

Figura notória de eloqüência sagrada, Frei Marcelino se conservou sempre humilde, sem nunca ensoberbercer-se dos triunfos oratórios e da fama de seu nome.

* * *

Desde os primeiros séculos começou a haver extraordinário florescimento da oratória sacra. Muitos santos se afirmaram como notáveis pregadores. Santo Ambrósio, bispo e doutor da Igreja, cuja eloqüência foi citada por Santo Agostinho em suas **Confissões,** deixou, além de "Comentários", reunidos hoje em alguns volumes, muitos hinos bastante familiares na liturgia ambrosiana; o jesuíta São Roberto Belarmino, também bispo e doutor da Igreja, de vasta erudição e rigorosa dialética, chamado "O martelo dos hereges", deixou o conhecido tratado "A arte de bem morrer", obra que nos lembra outra de igual teor "Preparação para a Morte", de cunho ascético tão importante quanto a primeira, de Santo Afonso Maria de Ligório, fundador da Ordem de SS. Redentor, hoje denominada Ordem dos Redentoristas. São Bernardino de Sena, sobre quem já falamos, um dos principais propugnadores da reforma dos franciscanos observantes, deixou "Prédicas Populares", que reúnem temas cada vez mais atuais como a caridade, a humildade, a paz e a justiça; São Pedro Crisólogo, bispo e doutor da Igreja, de quem nos chegaram 176 homilias; o franciscano São Tiago de Marca, que recusou o bispado de Milão e pregou por mais de meio século; São João Nepomuceno, cuja fama de orador e sobretudo de confessor o levou à corte de Boêmia, da qual se tornou capelão; São Galdino, bispo e primeiro cardeal da igreja milanesa, admirável núncio dos mistérios da verdade cristã, morreu repentinamente, quando estava pregando no púlpito; São Fulgêncio, bispo da cidade romana de Ruspe, teve uma vida de intensa atividade religiosa. Conta-se que o bispo de Cartago, ouvindo-o pregar na basílica de Furnos, chorou de emoção; São Fidélis, o corajoso pregador e frade capuchinho alemão, terminou seus dias atingido com um tiro em pleno sermão; São Leonardo de Porto Maurício, outro franciscano, tornou-se grande pregador. No jubileu de 1750, a convite do insigne Papa Bento XIV, fez no Coliseu belíssima pregação na via-sacra que se realizou no dia 27 de dezembro do mencionado ano. Informamos escritores italianos Mario Sgarbossa e Luigi Giovannini que era a primeira vez que se celebrava um rito religioso no anfiteatro Flávio. De lá para cá, a tradição é conservada, fazendo com que o papa renove, toda Sexta-Feira Santa, o rito penitencial; São Vicente Férrer, com verbo brilhante e candente, fustigava os costumes da época, merecendo por isso o apelido de "Anjo do Apocalipse". Muitos outros eleitos do Senhor poderíamos citar, os quais, em união profunda e ardente com Deus, levaram a sua mensagem a todos os povos.

Particularmente no Ceará, para mencionar apenas os desaparecidos, muitos nomes se projetaram como eminentes pregadores, entre

os quais o Pe. Valdivino Nogueira, o Pe. Francisco de Assis Furtado Memória, Mons. Manuel Soares, Frei Honório de Origgio, Frei Bernardino de Mornico, Frei Teobaldo de Monticelli, Cônego Aureliano Mota, D. Manuel da Silva Gomes, Pe. Dr. Misael Gomes da Silva e tantos outros nomes que se distinguiram na oratória sacra.

A Ordem de São Francisco, o grande santo canonizado em 1228 por Gregório IX, a Ordem de São Francisco, repito, fundada sob os auspícios da pobreza e da fraternidade, recebeu aprovação da Regra definitiva do Papa Honório III, em 1223. Ultrapassando as fronteiras da Europa, logo se espalhou nos demais continentes, onde a obra missionária do "Poverello de Assis" atingiu apreciável grau de desenvolvimento. Gerou grandes figuras no mundo católico. Pregadores, teólogos, filósofos, educadores, escritores e dedicados pastores, muitos deles com monumentais trabalhos em benefício da Igreja. É um verdadeiro exército de batalhadores da causa do Bem, depositários que são do espírito do Pobrezinho de Assis.

Terciários franciscanos, frades, bispos, cardeais e até papas formam a universal família franciscana.

Frei Jerônimo de Áscoli, que foi superior geral da Ordem, figura como o primeiro frade franciscano a ascender ao trono papal, eleito com o nome de Nicolau IV, aos 22 de fevereiro de 1288, apenas 64 anos após a morte do glorioso fundador da Ordem. Faleceu aos 4 de abril de 1292. Seguiu-se-lhe o Papa Sisto IV, que foi também Superior Geral da Ordem Franciscana e cujo nome civil era Francisco della Rovere, eleito aos 9 de agosto de 1471. Frade franciscano conventual, grande humanista e pregador de fama, mandou construir no Vaticano a célebre Capela Sistina, tendo ampliado e enriquecido a Biblioteca Vaticana. Faleceu aos 5 de fevereiro de 1484. Veio depois o seu sobrinho, Juliano della Rovere, que tomou o nome de Júlio II, eleito no conclave mais breve da história da Igreja, aos 31 de outubro de 1503. Amigos das artes, protegeu Miguel Ângelo, Bramante e Rafael. A esse grande papa se deve a criação da Guarda Suíça, ainda hoje existente, com a farda típica desenhada por Miguel Ângelo. Convocou o Concílio Lateranense V, com o lema: "Os homens devem ser transformados pela religião e não a religião pelos homens". A Ordem muito lhe ficou a dever com a construção da Catedral de Assis. Já muito antes, o Papa Gregório IX (1227-1241) começara a edificar a Basílica de Assis, para onde foram trasladadas, no dia 25 de maio de 1230, as relíquias do grande Taumaturgo. Faleceu Júlio II aos 72 anos, no dia 21 de fevereiro de 1513. Em seguida, vem Sisto V, eleito aos 24 de abril de 1585. O então conhecido cardeal Montalto era frade franciscano conventual

que, como papa, se empenhou ardorosamente na reforma das ordens religiosas. Grande orador, caracterizou-se como um dos pontífices mais enérgicos da Igreja. Dentre tantas obras que realizou, em seu curto pontificado, figura o aqueduto "Acqua Felice", assim batizado pelo povo em homenagem ao seu nome secular Félix Peretti, com o qual procurou o Papa resolver o angustiante problema de água em Roma. Falecido aos 27 de agosto de 1590, foi sepultado na Capela Sistina, por ele construída na igreja de Santa Maria Maior. Por último, figura o também famoso pregador e frade franciscano conventual Clemente XIV (Vicente Antônio Ganganelli), para cuja escolha num difícil e tumultuado conclave, que durou três meses, foi necessário repetir 179 veses a eleição, em face das divergências entre as correntes que se batiam contra ou a favor da supressão da Ordem dos Jesuítas. Não resistindo às fortes pressões, o Papa Clemente XIV viu-se obrigado a extinguir a Companhia de Jesus, com o Breve datado de 21 de julho de 1773. Foi restaurada mais tarde, em 1814, no pontificado de Pio VII. Depois de muito padecimento, faleceu Clemente XIV aos 22 de setembro de 1774. Foram, portanto, cinco os papas que vestiram o humilde hábito de São Francisco de Assis.

* * *

Freis Marcelino de Milão era homem decidido e enérgico, mas profundamente tolerante. A exemplo de Santo Antão, o mais ilustre monge da Igreja antiga e um dos mais rigorosos anacoretas, que mereceu de Santo Ambrósio, seu amigo e discípulo, magistral biografia, era Frei Marcelino extremamente compreensivo com o próximo, como o foi também Santa Verônica de Binasco, que não se escandalizava com as faltas alheias.

Tanto em Messejana, onde foi vigário, como em Fortaleza, costumava Frei Marcelino visitar os doentes e necessitados, semelhantemente a São Nicolau Tolentino, confortando-os com uma palavra de fé e confiança. Frei Marcelino levou assim uma vida de profundíssima caridade cristã.

* * *

Estimado, reverenciado e amado por todos os que dele se aproximavam, sobretudo pela gente mais humilde, Frei Marcelino de Milão, acometido do mal de Hansen, viu-se privado, no início da década de 30 do convívio da sociedade, quando se encontrava no fastígio de sua

sublime e gloriosa missão. Foi o começo de cruel martírio, que muito abateu sua robusta organização física. A atroz doença trouxe-lhe grandes sofrimentos, quando soube mostrar uma fortaleza de ânimo acima do comum. Demonstrou assim coragem e resignação no enfrentar os acintes da doença, que muito concorreram na obra de santificação pessoal, dedicando-se, de então por diante, exclusivamente, à penitência e à oração, que foram as poderosas armas com que enfrentou na solidão os grilhões da, na época, incurável moléstia. Aceitando a terrível provação, ficou ele mais próximo de Deus. A oratória sacra ficou abruptamente despojada de seu lídimo representante como ocorreu com o Frei Francisco de Mont'Alverne, professor de filosofia no Convento de Santo Antônio, da Ordem franciscana, no Rio de Janeiro, comparado aos primeiros grandes pregadores da língua portuguesa, acometido que foi, em 1832, aos quarenta e oito anos, de terrível amaurose, doença popularmente conhecida como gota serena, que o levou rapidamente à total cegueira.

Durante o período em que foi pungentemente mortificado pela doença, o nome de Frei Marcelino mergulhou na sombra, no silêncio e no esquecimento. Foi-lhe difícil aceitar a doença e mais ainda separar-se de seus irmãos de hábito e do povo, que ele tanto amava. Diria o virtuoso monge, como São Geraldo Majela, que a doença lhe foi o purgatório nesta vida. Vítima assim de um revés humanamente incompreensível, Frei Marcelino foi levado para uma casa em bairro distante, onde se isolou de tudo e de todos, como ocorreu também com Santa Alice, que contraiu precocemente a inexorável doença e foi separada de suas irmãs beneditinas e enclausurada num sótão do próprio mosteiro, onde permaneceu quase sepultada em vida, como nos contam seus biógrafos, até a sua morte, aos 11 de junho de 1250. No exílio, a que dolorosas circunstâncias da vida levaram Frei Marcelino, dele cuidou com excepcional dedicação, uma samaritana cujo nome merece ser lembrado. Chamava-se Maria do Rosário, mais conhecida como Maria Didi, que era serviçal da Exma. Srª Arcebilha de Freitas Cavalcante, digníssima genitora do ministro da Eucaristia José de Freitas Cavalcante.

* * *

O calvário que marcou os últimos anos de vida de Frei Marcelino teve fim no dia 30 de dezembro de 1940. Transcrevo trecho da notícia de seu falecimento publicada no jornal "O Nordeste", de 31 do citado mês e ano:

"Quis o Senhor pôr termo, ontem, às 13 horas, ao sofrimento heróico do grande capuchinho que foi Frei Marcelino de Milão. Há mais de um decênio o valente lidador das campanhas da Igreja desaparecera do convívio da sociedade, abrigado ao seu longíquo retiro de enfermo.

As glórias justas que o mundo é capaz de conferir, ele as experimentou largo tempo, sem que abalassem a sua humildade de frade, até que seus méritos foram postos à rude prova dos padecimentos que o cruciaram suportados com a mais cristã das resignações durante mais de três lustros.

Orador de fama, cuja eloqüência era admirada de norte a sul do País, Frei Marcelino a isso aliava as qualidades de um polemista destemido que enfrentou galhardamente nas colunas da imprensa nomes de prol do jornalismo patrício. Recordam-nos, edificados, de sua ação benemérita, por ocasião da revolta do Juazeiro, em 1914, acompanhando a tropa, proporcionando-lhe os auxílios da Religião, evitando os excessos da soldadesca exacerbada. Assistiu ao combate de Miguel Calmon e à sua atuação benfazeja deve-se, porventura, não se ter registrado muita violência, não se ter consumado muita iniquidade, naqueles dias núbilos.

Faleceu dando ao mundo o mais heróico exemplo de submissão aos desígnios da Providência, honrando o seu sacerdócio até o último instante.

Seu enterro realizou-se ontem, piedosamente acompanhado pelos irmãos de hábito e pessoas amigas. O féretro saiu do seu retiro em Baixa Preta, para o Cemitério de São João Batista." E o jornal "O Povo", de 31 de dezembro de 1940, diz a certa altura do registro que faz do seu falecimento:

"Orador sacro dos mais notáveis, Frei Marcelino não era somente um frade, era um líder. Sua operosidade invulgar emprestava um raro brilho à orientação de sua Ordem no Ceará. Amigo do Brasil, dedicadíssimo às populações do Ceará, seu nome viveu cercado de um prestígio incomum".

* * *

A morte, aos 58 anos, desse grande servo de Deus, que teve curta mas frutuosa atuação em seu munus sacerdotal, deixou a todos que o conheciam e admiravam imorredoura saudade. Homem de virtude e saber, constituiu um testemunho de vida que muito edificou a Ordem a que pertencia e o clero de modo geral. Pastor zeloso, deixou o exem-

plo de sua extraordinária abnegação no exercício de seus deveres monacais. Sua obra deu frutos opimos no campo da espiritualidade, nunca tendo negligenciado, mesmo em momentos difíceis, os seus deveres e ofícios, sempre batalhando pela regeneração dos costumes e integridade da fé. Ficou o exemplo de uma existência humilde e heróica. Por tudo isso, sua vida constitui comovente lição de indulgência, resignação e longanimidade, que fizeram criar em torno de sua bonissima pessoa um halo de santidade.

Multiplicou-se em várias atividades apostólicas: a pregação, o confessionário, o jornalismo, a direção de almas, a formação do clero franciscano-capuchinho, a todas entregando-se de corpo e alma, numa época em que não existiam as facilidades do estupendo progresso de hoje que, se por um lado, proporcionou melhores condições de vida, por outro, sofreu o abominável desregramento dos costumes. **Tempora Mutantur.**

Escreveu muito para a imprensa em defesa dos postulados cristãos, mas seus trabalhos nunca foram reunidos em livro. Deixou traduzida para o português a obra "Pensieri ed affetti" ("Pensamentos e afetos"), do escritor italiano Da Bérgamo.

Austero e intransigente consigo mesmo, Frei Marcelino, por essa razão, percorreu sua vida terrena por impérvios caminhos sempre em sintonia com o espírito do santo Evangelho. É exato que a santidade não é apenas conseguida pelos íngremes e penosos caminhos do sofrimento, da dor e da conformação, mas também, evangelicamente, na alegria, na simplicidade, na abnegação e na fraternidade. Está isso consubstanciado no velho dito popular: "Quem não vive para servir, não serve para viver".

Antes de concluir, desejo prestar minha homenagem a todos os frades franciscanos que, a exemplo de Frei Marcelino de Milão, deixaram seus pagos para se adentrarem neste imenso País, movidos tão-somente pelo ideal de São Francisco de Assis, em intensa atividade missionária no difundir a mensagem evangélica de **paz e bem.**

Ao encerrar este necrológio, é oportuno dizer que a plenitude da vida espiritual não é atingida somente com o falar e escrever bem sobre as obras divinas. Alcançam-na em toda sua beleza os que souberam vivê-la por amor ao Senhor de todas as cousas. E foi justamente o que aconteceu com Frei Marcelino, essa luminosa e impávida figura da oratória franciscana, falecido há cinqüenta anos, depois de uma vida inteiramente dedicada ao serviço de Deus e do próximo.